

[H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta, Vol. I*, ed. original de 1888]

(49)

A filosofia esotérica ensina que tudo vive e é consciente, mas não que toda a vida e consciência sejam semelhantes às dos seres humanos ou mesmo às dos animais. Consideramos a Vida como «a única forma de existência», manifestando-se naquilo a que chamamos matéria; ou, como no homem, naquilo que, separando-os incorretamente, designamos por Espírito, Alma e Matéria. A matéria é o veículo para a manifestação da alma neste plano de existência, e a alma é o veículo, num plano superior, para a manifestação do espírito; e estes três constituem uma trindade sintetizada pela Vida, que os permeia a todos. A ideia da vida universal é uma daquelas concepções antigas que estão a regressar à mente humana neste século, em consequência da sua libertação da teologia antropomórfica. A ciência, é verdade, contenta-se em traçar ou postular os sinais da vida universal, e ainda não foi ousada o suficiente para sequer sussurrar «Anima Mundi!» A ideia de «vida cristalina», agora familiar à ciência, teria sido rejeitada há meio século. Os botânicos procuram agora os nervos das plantas; não que suponham que as plantas possam sentir ou pensar como os animais, mas porque acreditam que alguma estrutura, que tenha a mesma relação funcional com a vida vegetal que os nervos têm com a vida animal, é necessária para explicar o crescimento e a nutrição vegetais. Parece quase impossível que a ciência consiga continuar a esconder de si própria, pelo mero uso de termos como «força» e «energia», o facto de que as coisas que têm vida são seres vivos, quer sejam átomos ou planetas.

(51)

A «Consciência Absoluta», dizem-nos, «por trás» dos fenómenos — que só é designada como inconsciência na ausência de qualquer elemento de personalidade —, transcende a compreensão humana. O homem, incapaz de formar um conceito que não seja em termos de fenómenos empíricos, está, pela própria constituição do seu ser, impotente para levantar o véu que encobre a majestade do Absoluto. Apenas o Espírito liberto é capaz de perceber vagamente a natureza da fonte de onde brotou e para onde, por fim, deverá regressar...

(51)

O Nous que move a matéria, a Alma animadora, imanente em cada átomo, manifestada no homem, latente na pedra, possui diferentes graus de poder; e esta ideia panteísta de um Espírito-Alma geral que permeia toda a Natureza é a mais antiga de todas as noções filosóficas.

(53-54)

ESTÂNCIA 2

Comentário.

.....(b) Pariniṣpanna, recorde-se, é o *summum bonum* [bem supremo], o Absoluto, sendo, portanto, o mesmo que Parinirvāṇa. Além de ser o estado final, é aquela condição de subjetividade que não tem relação com nada além da única verdade absoluta (Paramārthasatya) no seu plano. É esse estado e é que leva a pessoa a apreciar corretamente o significado pleno do Não-Ser, que, como explicado, é o Ser *absoluto*. Mais cedo ou mais tarde, tudo o que agora parece existir estará, na realidade e de facto, no estado de Pariniṣpanna. Mas há uma grande

diferença entre o «ser» *consciente* e o *inconsciente*. A condição de Parinīṣpanna, sem Paramārtha, a consciência que se autoanalisa (Svasamvedana), não é bem-aventurança, mas simplesmente extinção (por Sete Eternidades). Assim, uma bola de ferro colocada sob os raios escaldantes do sol aquecer-se-á por completo, mas não sentirá nem apreciará o calor, ao passo que um homem sim. É apenas com uma «mente clara e não obscurecida» pela personalidade, e com a assimilação do mérito de múltiplas existências dedicadas a estar na sua coletividade (o Universo inteiro, vivo e sensível), que alguém se livra da existência pessoal, fundindo-se no Absoluto*, tornando-se um com ele,¹ e continuando na plena posse de Paramārtha.

* Por isso, o Não-ser é o «Ser ABSOLUTO», na filosofia esotérica. Nos princípios desta última, até mesmo Adi-Budha (a sabedoria primeira ou primitiva) é, enquanto se manifesta, num certo sentido, uma ilusão, Maya, uma vez que todos os deuses, incluindo Brahma, têm de morrer no fim da «Era de Brahma»; apenas a abstração chamada Parabrahm — quer a chamemos de Ensoph, ou do ser «Incognoscível» de Herbert Spencer — é «a Realidade Única e Absoluta». A Existência Única, sem segundo, é ADVAITA, e todo o resto é Maya, ensina a filosofia Advaita.

[Rohit Metha, *The Creative Silence*, p. 16, 1957, The Theosophical Publishing House, Chennai, Índia; Los Angeles, The Theosophy Company, 1893 (reimpressão da primeira edição americana, publicada por W.Q. Judge, pp. 51 a 58), copyright 1957, The Theosophical Publishing House Chennai, Índia]

(53)

«O Caminho das Iniciações é uma longa jornada e, por isso, é possível que o peregrino perca de vista a visão que teve no Vale da Bem-Aventurança — a Visão do Imanifesto, a Visão do Todo. Para que não se esqueça, HPB estabeleceu dois requisitos para cada uma das iniciações — o interior e o exterior. O requisito exterior representa o padrão de comportamento, enquanto o requisito interior representa o contexto no qual, e somente nesse contexto, tal padrão pode existir. De uma forma misteriosa, este contexto está relacionado com a visão do Imanifesto, de modo que a Visão está sempre presente durante a longa jornada do peregrino. Assim, para três iniciações são necessários três instrumentos externos e três internos. Estes são, de facto, as Seis Pāramitās, as seis virtudes transcendentais mencionadas na literatura budista. Embora *A Voz do Silêncio* mencione Sete Chaves, a sétima é, na verdade, o estágio de Arhat, pois HPB diz, referindo-se a esta chave, o seguinte:

. . . a chave que transforma um homem num deus, tornando-o um Bodhisattva, filho dos *Dhyānīs*.»

(51)

«A perfeição da vida consiste em reunir as partes fragmentadas num todo unificado, desenvolvendo assim um padrão de beleza requintada. Não se trata de uma mera síntese ou coordenação, uma vez que a harmonia das partes existe devido à presença do Todo, que está presente em cada uma das partes separadas. Quando cada parte da vida de alguém brilha com a glória do Todo, é então que o indivíduo se encontra num estado de samādhi. Quando a harmonia perfeita respira através das partes, é então que o neófito alcançou as alturas da Pāramitā.»

(57)

“...existem seis instrumentos — as seis Pāramitās — dos quais três são externos e os outros

três são internos. Os instrumentos externos lidam com o padrão de comportamento, enquanto os instrumentos internos lidam com a fonte ou o contexto do comportamento. Por outras palavras, estes instrumentos lidam com os aspetos estruturais e funcionais, a forma e a vida, do movimento do peregrino e espiritual no Caminho da Perfeição. Tal como a vida e a forma têm de coexistir, da mesma forma os instrumentos internos e externos têm de permanecer juntos. Um é tangível, o outro é intangível. O padrão ou comportamento é algo tangível, enquanto o contexto ou a origem do comportamento é algo intangível.»

[Robert Crosbie, *The Friendly Philosopher, Letters and Talks on Theosophy and the Theosophical Life*, The Theosophical Company, Los Angeles e Nova Iorque, 1934 (primeira edição)]

(PDF digitalizado e submetido a OCR em abril de 2017. Correções ao texto e à formatação em novembro de 2019, julho de 2020, junho de 2022, maio e outubro de 2023. Notas de rodapé nas páginas 16 e 157 citando WQJ e autor desconhecido, maio de 2025. Erro tipográfico na p. 364 «were it not...», dezembro de 2025.)

(212-213)

Não podemos compreender a natureza, os outros seres e a nós próprios, recorrendo a qualquer ser concebível no exterior. O crescimento do conhecimento deve ocorrer no interior do observador, do próprio pensador. Todas as suas observações e experiências proporcionam-lhe conhecimento que ele relaciona consigo mesmo em conexão com os outros. Cada um encontra-se no vasto conjunto de seres, vendo-os a todos, compreendendo o que pode de todos eles, mas sendo ele próprio o único que vê; todos os restantes são vistos. Todos os outros são iguais a ele na sua natureza essencial; todos estão dotados das mesmas qualidades, das mesmas perfeições e imperfeições; todos são cópias uns dos outros, diferindo apenas na predominância de uma ou outra qualidade. Mas o pensador é o Eu/Self — o Eu uno, no que a ele diz respeito — a Vida Una, a Consciência Una, o Poder Uno. À medida que a ação decorre dessa base, quanto maiores forem os poderes que fluem dessa qualidade espiritual, maior será o aumento do conhecimento. O conhecimento é religião — não uma suposta «revelação» de algum ser superior que nos criou como seres inferiores, mas um conhecimento real adquirido ao longo de miríades de anos e de muitas existências por Aqueles que as expressaram todas.

[William Q. Judge, *Ecos do Oriente*, vol. 1, *Reflexões sobre o Caminho do Verdadeiro Teosofista*, pp. 17-18]

«O caminho da paz interior consiste em conformar-se, em todas as coisas, com o prazer e a disposição da Vontade Divina. Aqueles que desejam que todas as coisas tenham sucesso e se concretizem de acordo com o seu próprio capricho não chegaram a conhecer este caminho; e, por isso, levam uma vida dura e amarga; sempre inquietos e de mau humor, sem trilhar o caminho da paz.»

Sabe, pois, ó Homem, que aquele que procura o caminho oculto só o pode encontrar através da porta da vida. No coração de todos, em algum momento, surge o desejo de conhecimento. Aquele que pensa que o seu desejo será satisfeito, tal como o passarinho no ninho, que basta abrir o bico para ser alimentado, ficará verdadeiramente desapontado.

Em toda a natureza não encontramos nenhum caso em que não seja necessário algum tipo de esforço. Verificamos que existe um resultado natural desse esforço. Aquele que deseja viver a vida ou encontrar a sabedoria só o pode fazer através de um esforço contínuo. Se alguém se torna um estudante e aprende a espreitar parcialmente por detrás do véu, ou se encontrou no seu próprio ser algo que é maior do que o seu eu exterior, isso não lhe dá autoridade para se sentar na ociosidade ou isolar-se do contacto com o mundo. Por ver o brilho da luz à sua frente, não pode dizer ao seu próximo «Sou mais santo do que você» nem envolver-se no manto do isolamento.

A alma desenvolve-se como a flor, à luz do sol de Deus, e inconscientemente em relação ao solo em que cresce. Se se bloquear a luz, o solo fica húmido e estéril, e a flor murcha ou fica pálida e doente. Todos e cada um de nós estamos aqui por uma razão boa e sábia. Se descobrirmos, em parte, *o motivo* pelo qual estamos aqui, então há ainda mais razão para que, através de um contacto inteligente com a vida, procuremos nela uma elucidação mais aprofundada do problema. Não é tanto o estudo de nós próprios, mas sim a preocupação com os outros que abre esta porta. Os acontecimentos da vida e as suas causas conduzem ao conhecimento. Devem ser estudados quando se manifestam na vida quotidiana.”
